

SEMENTES DE EDUCADORES PARA • A PAZ •



Michele Catherin Arend (Org.)

Colaboradores: Amanda Fantatto de Melo, Anderson Jose Adami, Andrea Cristina Dias, Anelise Escaravaco, Barbara Giovana Bortoloci Soares, Emilene Medeiros Kurschner, Jandira Colsani, Katia Cilene da Silva Mazon, Marcele Nóvoa de Melo, Maria Josiane Lima da Silva, Tamara Becher Oliveira, Wanderson Luiz Vieira da Silva

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE

REITORA

Sônia Regina de Souza Fernandes

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Josefa Surek de Souza

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO

Fernando José Taques

PRÓ-REITORA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Fátima Peres Zago de Oliveira

PRÓ-REITORA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Jamile Delagnelo Fagundes da Silva

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

Stefano Moraes Demarco

EDITORA IFC

COORDENADORA

Leila de Sena Cavalcante

CONSELHO EDITORIAL

Claudecir Alberto Schenkel

Fernando José Garbuio

Josefa Surek de Souza

EDITORA DO INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE

Rua das Missões, 100 - Ponta Aguda

CEP: 89.051-000 – Blumenau/SC

www.editora.ifc.edu.br

Editora filiada a:



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

Julia Bizol

PROJETO GRÁFICO

Julia Bizol

DIAGRAMAÇÃO

Adriane Alves da Silva

REVISÃO

Copyright © Michele Catherin Arend.

Todos os direitos reservados. Proibida a venda.

As informações contidas no livro são de inteira responsabilidade dos seus autores.

S471 Sementes de educadores para a paz. / Organizadora Michele Catherin Arend; Projeto gráfico e Diagramação Júlia Bizol; Revisão Adriane Alves da Silva; Colaboradores: Amanda Fantatto de Melo, Anderson Jose Adami, Andrea Cristina Dias, Anelise Escaravaco, Barbara Giovana Bortoloci Soares, Emilene Medeiros Kurschner, Jandira Colsani, Katia Cilene da Silva Mazon, Marcele Nóvoa de Melo, Maria Josiane Lima da Silva, Tamara Becher Oliveira, Wanderson Luiz Vieira da Silva – Blumenau: Ed.IFC, 2021.
40 p.

Inclui Bibliografia.

ISBN 978-65-88089-07-1

1. Educação. 2. Cultura. 3. Formação de professores. 4. Paz – Estudo e ensino. I. Arend, Michele Catherin (Org.). II. Bizol, Júlia. III. Silva, Adriane Alves da. IV. Melo, Amanda Fantatto. V. Adami, Anderson Jose. VI. Dias, Andrea Cristina. VII. Escaravaco, Anelise. VIII. Soares, Barbara Giovana Bortoloci. IX. Kurschner, Emilene Medeiros. X. Colsani, Jandira. XI. Mazon, Katia Cilene da Silva. XII. Melo, Marcele Nóvoa de. XIII. Silva, Maria Josiane Lima da. XIV. Oliveira, Tamara Becher. XV. Silva, Wanderson Luiz Vieira da. XVI. Título.

CDU – 37

Educação para a Paz

Uma breve reflexão sobre os problemas do cotidiano nos leva às seguintes perguntas: É possível vivenciar a paz em meio aos tumultos evidenciados pelos noticiários nacionais e internacionais no dia a dia das sociedades? É possível pensar em uma Cultura de Paz? É possível educar-se e educar para uma cultura de Paz? Como integrar essas reflexões com as inúmeras outras que se apresentam no cotidiano e, de forma específica, dentre as atividades escolares de professores e educadores sociais?

Essas são as questões que constituíram o alicerce edificante para a elaboração da proposta do curso de formação continuada e qualificação profissional para professores, educadores sociais e demais pessoas interessadas e que atuam na área educacional/pedagógica, intitulado "**Educação e a Cultura para a Paz**". Trata-se de um curso experimental referido no eixo tecnológico, conforme prescreve a Resolução 064/2016 que dispõe sobre a regulamentação de cursos de qualificação profissional do Instituto Federal Catarinense, realizado de acordo com a proposta Institucional (PDI), que viabiliza a realização de curso gratuito e aberto à população, tornando possível e concreta a efetivação de atividades e práticas educativas para promover a cultura de Paz.

Mas qual é o significado de Paz e de Cultura para a Paz? No contexto dessa proposta, elegemos a compreensão de Paz como a resolução não violenta dos conflitos, que são parte integrante das relações entre diferentes indivíduos, culturas e opiniões, considerando, também, que conflitos podem constituir-se em estratégias de equilíbrio, nivelamento e Paz entre indivíduos e grupos. Pensar na Paz é aprender a mediar conflitos, é desenvolver uma pedagogia do diálogo, na qual as relações e interações são baseadas no respeito às diferenças, sejam elas quais forem, abrindo espaço para o acolhimento com alteridade e empatia. É sentir, pensar e agir no contexto do significado da Paz, construindo e provendo a cultura para a Paz.

Inserido no contexto da proposta do curso, a cada dia, ganha destaque o grau de importância que deve ser dado aos problemas sociais e, conseqüentemente, às violências decorrentes destes, fazendo emergir propostas que visem desalojar a violência e reocupar estes espaços, com propósitos que levem à prática de ações não violentas e que propiciem vivenciar a paz.

Relacionado à participação das instituições de ensino, o curso proposto foi constituído em si pela temática “cultura de paz”, promulgada pela Lei 13.663 de 13 de maio de 2018, que inclui, no âmbito da Lei nº 9.394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional brasileira, “promover a cultura de paz”.

A lei 13.663 altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir “a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino”. Assim sendo, passa a constar no artigo 12, inciso X da referida Lei, “estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas” (NR).

A teoria fundamentada da Educação para a Paz teve origem na Europa há mais de 50 anos e, de forma específica, na Espanha há mais de 30 anos (JARES, 2002; RAYO, 2004; SERRANO, 2002). A abordagem do tema contempla a educação para a paz como uma “vertente educacional na cultura de Paz, um campo construído e pensado com ações pedagógicas voltadas ao esclarecimento sobre cultura, valores e saberes” (SALLES, 2017). A estrutura da pedagogia a que fazemos referência diz respeito aos processos que contribuem para o entendimento básico das questões relacionadas às cinco pedagogias apresentadas nos estudos de Salles (2017) e explicitadas na respectiva disciplina na grade curricular do curso.

Mas, para que seja possível realizar ações práticas, é necessário que se associe educação, cultura e paz, em diferentes espaços e instituições de ensino.

Dentre os objetivos do curso destacamos o de realizar a conexão entre as atividades educacionais em espaços escolares e equivalentes, com as bases que fundamentam a compreensão e significado de Educação e Paz. O curso também objetivou:

- Ampliar os conhecimentos teóricos e práticos das atividades do cotidiano consoante à compreensão do significado de Educação e Paz;
- Compartilhar e Valorizar as experiências dos discentes na elaboração de planos de atividades que visem promover a cultura de paz;
- Aplicar os conhecimentos didáticos, as vivências e as contribuições das práticas educacionais do grupo, na realização das atividades socioeducativas;
- Multiplicar os saberes acessados e os elaborados pelo grupo, para além de uma semana ou exercício temático no contexto escolar e equivalentes.

Contudo, para que essas expectativas se concretizem, é fundamental ter acesso a espaços de reflexões e aquisição de novos saberes como os possibilitados pelas ações concretas do curso, caracterizando a sua singularidade.

Apresentação

Neste E-book são apresentadas, em forma de relatos, as reflexões sobre os temas abordados durante a realização do curso “Educação e a Cultura para a Paz: atividades e práticas socioeducativas em espaços educacionais (espaços escolares e equivalentes)”, que fez parte do segmento de Qualificação Profissional ofertado pelo Instituto Federal Catarinense (IFC) - Campus Camboriú, na categoria de formação continuada, no ano de 2019. Essa formação teve como público-alvo professores da rede pública, educadores sociais, orientadores educacionais e pessoas interessadas em desenvolver e aplicar os conhecimentos acessados junto à associação de bairros, grupos comunitários e tribos locais/sociais. Os textos ora disponibilizados são frutos das atividades solicitadas nas disciplinas por mim ministradas e foram disponibilizados pelos autores - alunos/participantes do curso, para serem disponibilizados no formato *e-book* e multiplicados por todas as pessoas que sentirem afinidade com os temas.

Este e-book não pretende ser um livro didático no sentido de apresentar uma definição ou conceito de Paz, tampouco almeja ensinar o que seja a Paz. Trata-se mais de um convite para experienciar as reflexões realizadas e motivar a criar caminhos próprios para a descoberta do significado da Paz e, a partir dessa iniciação, com olhar próprio, buscar vivenciar a Paz no cotidiano como indivíduo em interação com o coletivo social. Nesse contexto, estão aqui expressas e impressas as reflexões e sentimentos vivenciados pelos participantes do curso e agora compartilhados para todas as pessoas.

Acreditamos que, por meio desse sentimento de partilha, expressamos o próprio sentimento que emergiu e permeou as atividades de interação realizadas entre os membros no grupo.

Assim, com leveza se falou sobre teóricos e teorias, sobre amor, liberdade e Paz, construindo caminhos possíveis para uma cultura de Paz. Sentimos e entendemos que, ao almejar a Paz para nós mesmos, necessário se faz o movimento de adotar um novo modo de pensar, sentir e agir em relação ao modo como nos relacionamos conosco, com as pessoas e grupos próximos a nossa vida e ao nosso entorno. Ao realizamos o movimento para as ações diretas e sinceras com pessoas e situações, com respeito a diversidade, temos um bom começo para instauramos um canal de comunicação e espaços profícuos para vivenciarmos a cultura da Paz, que é tão benéfica a todos.

Origem do título

E Convite Para Leitura

Sementes de educadores para Paz foi o título conferido ao curso que, similar ao som, encontrou eco no grupo, marcado pela identificação dos participantes com sementes, que germinam, florescem e criam raízes, com muita disposição para distribuir novas sementes que também possam germinar e florescer em outros espaços a partir de muitos corações.

Simple assim.

Os textos estão apresentados a partir da abordagem sobre alguns temas integrantes das disciplinas que constituíram a estrutura didática do curso. Tarefa nada fácil foi a de escolher somente alguns textos para compor o e-book, pois todos expressavam muito da compreensão que foi construída sobre determinado tema durante nossos encontros, sempre permeados com dinâmicas, aulas interativas, palestras e atividades como dança circular, meditação, música, poema, fotografias, etc. A proposta do curso e seu convite para refletir com leveza, de forma lúdica e profunda, sobre Educação e a Cultura para a Paz foi acolhida pelos participantes de modo singular e expressa de forma prática e objetiva por meio dos seus escritos. Maravilha!

Agradecimentos

Tenho absoluta certeza de que não é possível realizar nenhuma tarefa sozinho. Mesmo que onipresentes muitos corações, mentes e mãos, ao dizerem SIM, propiciaram chegarmos aos momentos vivenciados.

Muito Obrigada a todos! Gratidão aos alunos que tornaram este curso possível com a sua participação. Gratidão aos professores do IFC, campus Camboriú, Leisi Fernanda Moya, Michele Ávila, Sanir da Conceição e Silvia Regia Chaves de Freitas Simões. Gratidão a todas as pessoas que, com seu trabalho e apoio de gestão e técnico, contribuíram para a realização das atividades e encontros realizados aos sábados. Muito obrigada aos convidados que estiveram conosco com o coração aberto para doar. Foram eles: Vanessa Aguiar, Guilherme Avycena Pereira Giese, Sandra Gaia, Franciene Semeoni Perini, Fernanda Moro, Edivania (professores da Escola Semente Waldorf), Julia Bizol (designer gráfico) e Adriane Alves da Silva (revisora).

Muito Obrigada pelo apoio recebido da gestão educacional do IFC e do Campus Camboriú representada pelas professoras Sirlei Albino e Maria Olandina Machado, que concederam o SIM para a realização do Curso sobre Educação e Cultura da Paz, com uma proposta ainda singular no espaço acadêmico, e que agora consta dentre os cursos apresentados na rede federal pelo Instituto Federal Catarinense. A contribuição de todos foi fundamental.

Nossos agradecimentos e abraço a todos.

Professora Michele C. Arend

Sumário

1	<i>Educação e a cultura para paz. Construindo caminhos.</i>	10
2	<i>Eu educador: Antes e depois do curso.</i>	17
3	<i>A mediação no aprendizado para uma cultura de paz.</i>	27

Educação e a cultura para paz

Construindo caminhos



Foto 1. Fernanda Moro (convidada Escola Semente Waldorf), Andrea Cristina Dias, Tamara Becher Oliveira, Anelise Escaravaco, Michele Catherin Arend, Ana Luiza Santos da Silva Saraiva (convidada), Anderson Jose Adami, Franciane Semeoni Perini (convidada Escola Semente Waldorf), Jandira Colsani, Marcelle Nóvoa de Melo, Amanda Fantatto de Melo, Edivania Debatin (Escola Semente Waldorf), Katia Cilene da Silva Mazon, Emilene Medeiros Kurschner.

As leituras e os estudos realizados redirecionaram a forma como eu concebia a Paz, já que ela, em minha concepção, era vista como ausência de guerra e conflito. A Paz não partia do princípio de que são atitudes, ações e valores que possibilitam um bem-estar a todos, partindo da mudança de nós mesmos. Com isso, não ficava nítido para mim o que era uma Cultura de Paz, como também não conseguia visualizar a possibilidade de exercer uma Cultura de Paz. Todavia, tendo como base as leituras realizadas, essa incompreensão passou a ser entendida como a busca e a vivência em uma sociedade mais justa, solidária, democrática, humana, plural, que respeite os direitos humanos, a igualdade e as diferenças, e que atue criticamente na realidade de forma que as pessoas saibam situar-se perante ela.

Por Amanda Fantatto.

Ter lido a citação da Educadora Maria Montessori me levou ao desejo de me aprofundar em seus estudos. Havia lido alguns trechos do livro da educadora e escutado amigos pedagogos falarem de seu método pedagógico, mas sua citação tocou em um ponto que para mim é de interesse: “Paz é um princípio prático da civilização humana e da organização social que está fundamentada na própria natureza humana.” (MONTESSORI, 2004, p.54).

Entender a própria natureza humana, no meu ponto de vista, é resgatarmos a sacralidade de nossa corporeidade, das nossas sensações, dos nossos dos nossos movimentos, da nossa Biologia com sua inteligência inata em conservar a vida em si mesma, nossos movimentos celulares, nossos ritmos internos: cardiorrespiratório, visceral, etc. Sua função, que não necessariamente teve um aprendizado anterior para exercê-la, mas está em relação de feedback direto com o meio social ao qual vivenciamos.

Lembrar ou resgatar a nossa própria natureza humana é, para mim, integrar o ser humano novamente à natureza em seus ciclos e sua complexidade. Olhar para o corpo humano, para a natureza humana, pode nos possibilitar a entender com mais clareza as relações sociais que estabelecemos, e como cada ação de um grupo social pode interferir na qualidade de vida de um outro grupo, mesmo que aparentemente estejam isolados entre si. Um exemplo que me vem à cabeça é como a floresta amazônica, que está localizada em um território específico e interage com outros ecossistemas em todo o planeta; assim como a manutenção de água na nossa atmosfera, que percorre por todo o planeta terra, conservando em si a vida do planeta.

Por Anderson José Adami.

Por certo que tudo começa com uma boa base de política pública bem estruturada, embasada dentro da lei, com diretrizes bem formuladas, aplicadas com todo amparo legal dos outros órgãos, como a Segurança Pública. Só então tudo flui como uma engrenagem, funcionando corretamente. Esse é um assunto de muita relevância: uma cultura de paz inserida nas escolas, onde são formados os futuros adultos; uma pedagogia de valores humanistas, compreendendo já desde cedo os princípios e respeito pelo semelhante. É fundamental que aconteça uma conscientização da sociedade em relação a um assunto tão delicado e importante, compreendendo que há necessidade

de se discutir, debater e se falar diariamente sobre a cultura de Paz.

É importante que vire hábito, como viver, respirar, e que haja transmissão dessas informações no convívio familiar. Tudo está interligado: paz tem sentido não contrário ao de guerra, mas em viver em estado de harmonia, em uma sociedade em que se resolvem os problemas de forma pacífica, coerente e tendo responsabilidade para com o semelhante.

Por Andrea Cristina Dias.

Diante do ritmo acelerado das mudanças cotidianas, é salutar que se caminhe para uma profunda reflexão, a fim de melhor compreender a civilização atual. Diferentes campos da ciência sugerem o debate da problemática acerca dos direitos humanos, bem como da exclusão provocada pela globalização neoliberal. Para além de justiça social, as pessoas exigem voz política, reconhecimento e respeito. O desenvolvimento de uma educação intercultural é uma questão complexa, atravessada por tensões e desafios, pois problematiza como concebemos nossas práticas educativas e sociais nos dias atuais. A perspectiva intercultural traz como ideia a promoção de uma educação para o reconhecimento do outro e o diálogo entre os diferentes grupos socioculturais.

Por Anelise Escaravaco.

A leitura sobre educação e interculturalidade nos proporcionou uma reflexão acerca do contexto social nos dias de hoje, e aponta que estamos presenciando a conscientização de mudanças que ainda não temos capacidade de compreender. No entanto, para alguns estudiosos, estamos vivendo não somente mudanças rápidas, mas uma mudança de época. Isso resulta em discursos de muitas áreas que visam analisar essa problemática. Alguns exemplos desse contexto estão relacionados aos direitos humanos, que são construção da modernidade e estão profundamente impregnados com os processos, os valores e as afirmações que a modernidade propôs/propõe. Legou-nos e continua instigando-nos a realizar mudanças. Estamos vivendo absortos no ambiente cultural e político-ideológico em que os direitos humanos sugerem.

Contudo, alguns autores afirmam que essa idealização está em crise no novo âmbito social, econômico e cultural, apontado pela globalização, pela idealização de novas subjetividades e conceitos, e pelo impacto das novas tecnologias. A base da modernidade foi enfatizada pela questão da igualdade

de todos os seres humanos, independente da nacionalidade, das opções sexuais, da raça ou religião.

Isso nos faz perceber que a igualdade é a chave para entendermos toda a luta da modernidade pelos direitos humanos. Porém, hoje não se trata somente das igualdades, mas sim das diferenças.

Por Bárbara Giovana Boroluci Soares.

Vivemos em uma sociedade com grandes questões de diferenças multiculturais, porém com pretensões monoculturais. Assim, há uma mobilização para que todas as identidades sejam reconhecidas e apreciadas diante de tantas desigualdades sociais, econômicas e políticas. Nessa luta pela igualdade é importante percebermos que se defende o direito de ser diferente, ou seja, não precisamos ser todos iguais. A igualdade dos direitos para todos defende o direito de sermos diferentes, termos nossas particularidades e nossa própria cultura e sermos respeitados indiferente de cor, raça, credo ou orientação sexual. Para existir, de fato, uma universalização da igualdade de direitos, seria necessária uma reconceitualização dos direitos humanos, que afirmasse que todas as culturas são relativas e nenhuma é absoluta. É preciso propor diálogos interculturais, pois cada cultura traz uma versão da dignidade humana. É necessário, então, potencializar aquelas com uma versão mais ampla, a fim de favorecer o diálogo com outras culturas. É importante ressaltar que o multiculturalismo surgiu de lutas de movimentos sociais, de grupos sociais excluídos de uma cidadania plena. Somente mais tarde passou a fazer parte da academia. Existem várias perspectivas de multiculturalismo, como a assimilacionista, a diferencialista, a aberta e a interativa.

Por Emilene Kurschner.

No meu entendimento, o amor é a base de tudo. No entanto, o amor vem sendo colocado em segundo plano. As pessoas estão mais preocupadas em satisfazer primeiro a necessidade de obter êxito no trabalho, na vida diária, ignorando o que temos para amar: família, filhos e amigos. O tema "Paz" envolve subtemas fundamentais para a convivência, tais como: tolerância, justiça, democracia e direitos. A Paz e o amor são de extrema importância. Como podemos viver sem Paz? Sem amor? Sem tolerância?

Vivemos em um mundo onde o individualismo, a ganância e a obsessão

pelo poder estão fazendo com que as pessoas passem despercebidas.

Por Jandira Colsani.

Hoje o centro do interesse não é negar a igualdade, mas se coloca muito mais em evidência o tema diferença. Somos todos iguais ou diferentes? Antigamente nossas lutas tinham como referência a afirmação da igualdade. Atualmente, a questão da diferença assume especial importância e transforma-se num direito, não só o direito dos diferentes a serem iguais, mas o direito de afirmar a diferença. Não se trata de afirmar ou negar os polos, mas de articulá-los para que um nos remeta ao outro.

Por Katia Cilene da Silva Mazon.

Dentre os assuntos que despertaram meu interesse, destaco o tema de uma educação para a Paz, conforme expresso nas Leis nº13.005/14 e nº 9394/96. Do mesmo modo, me chama a atenção o fato de a cultura de Paz estar deixando de ser uma discussão religiosa, passando a ser estudada e reconhecida em outros campos educacionais e abordada a partir de pedagogias específicas. Eu desconhecia que o tema Cultura de Paz fizesse parte das preocupações do mundo político/legal. Eu mesma tinha o entendimento de que a Paz advinha de um encontro com algo divino.

Achei interessante descobrir que a Paz é abordada dentro das leis voltadas para a educação formal e, com isso, abre espaços dentro das escolas e apresenta ferramentas para serem utilizadas e desenvolvidas nesse ambiente. Perceber que a Paz não é o contrário de guerra, para mim, foi bem revelador, pois me levou a refletir sobre a Paz que se busca e a forma como somos preparados para o mundo como um preparação para enfrentar a batalha. Os conflitos fazem parte da vida. A pressão do dia a dia e os conflitos estão presentes quando se está integrado em uma Cultura para da Paz, compreende-se que não é preciso abrir mão da sua Paz, pois a busca pela mediação desses conflitos(externos e internos) pode ser o melhor caminho. Eu já acreditava que o respeito é um harmonioso caminho a seguir, mas, por meio das leituras e reflexões, ficou claro que as diferenças são os motivos para o conflito e que as ações educativas podem contribuir para o reconhecimento de que ser diferente é o que nos faz únicos.

O tema Cultura de Paz me chamou a atenção porque se faz importante que tenhamos a compreensão de que a intenção, por si só, não trará os resultados que buscamos para uma cultura de Paz. Com isso, contribui para nos convencer da importância de colocarmos em prática o que estamos aprendendo e vivenciando ao longo desse curso. Se faz importante também falar de um tema que tem trazido tanto sofrimento para a nossa sociedade em geral, ou seja, as várias formas de violência nas escolas, incluindo o bullying. A compreensão do que seja bullying pode minimizar este problema, principalmente em ambientes escolares. É muito importante saber que a cultura para a Paz está se estendendo também para outros países, além da Europa. Assim, compreendemos que esse desenvolvimento e ampliação trarão benefícios para muitos países, inclusive os subdesenvolvidos. Gostei muito dos temas abordados porque dizem exatamente do que precisamos nos convencer. Uma vez não sendo natural, se torna mais claro que é preciso desconstruir essa cultura de violência retornando para uma cultura de paz. Compreendemos, assim, que esse assunto/tema não se trata de algo impossível de se conseguir.

Por Maria Josiane Lima da Silva.

Achei interessante o movimento de fazer pensar na cultura para a Paz, não de uma forma romantizada, mas de maneira mais eficaz, observando o lugar onde se vive, a sociedade, a família, o contexto completo. Muito interessante, pois tem como objetivo tratar das múltiplas violências referentes aos espaços educacionais, criando alternativas pedagógicas que favoreçam a não violência, que melhorem o clima educacional, que qualifiquem as convivências, que evidenciem os direitos humanos e ampliem os olhares das pessoas para a democracia e cidadania. Acredito que toda a sociedade precisa estar envolvida no engajamento pela Paz. Não é produto governamental, mas um ganho social.

Por Tamara Becher Oliveira.

Os pilares para uma educação e cultura de paz têm sido compreendidos como papel importante para a sociedade. Com o passar dos anos, vemos uma busca incansável pela paz, mas o que seria a paz? A paz está em sermos completos, inteiros e gratos por tudo o que acontece ao nosso redor. Os

pilares da paz são de grande importância para podermos desenvolver a cultura.

Através desses pilares podemos perceber quais pontos devem ser observados, ajustados e praticados.

Após percebemos o quanto é importante essa cultura de paz, devemos buscar, por meio de ações práticas, fazer com que não apenas o “eu” encontre uma paz interior e exterior, mas também os que se encontram a minha volta, pois a cultura para paz pode ser desenvolvida e cultivada em qualquer ambiente da sociedade.

Por Wanderson Luiz Vieira da Silva.

Eu educador:

Antes e depois do curso

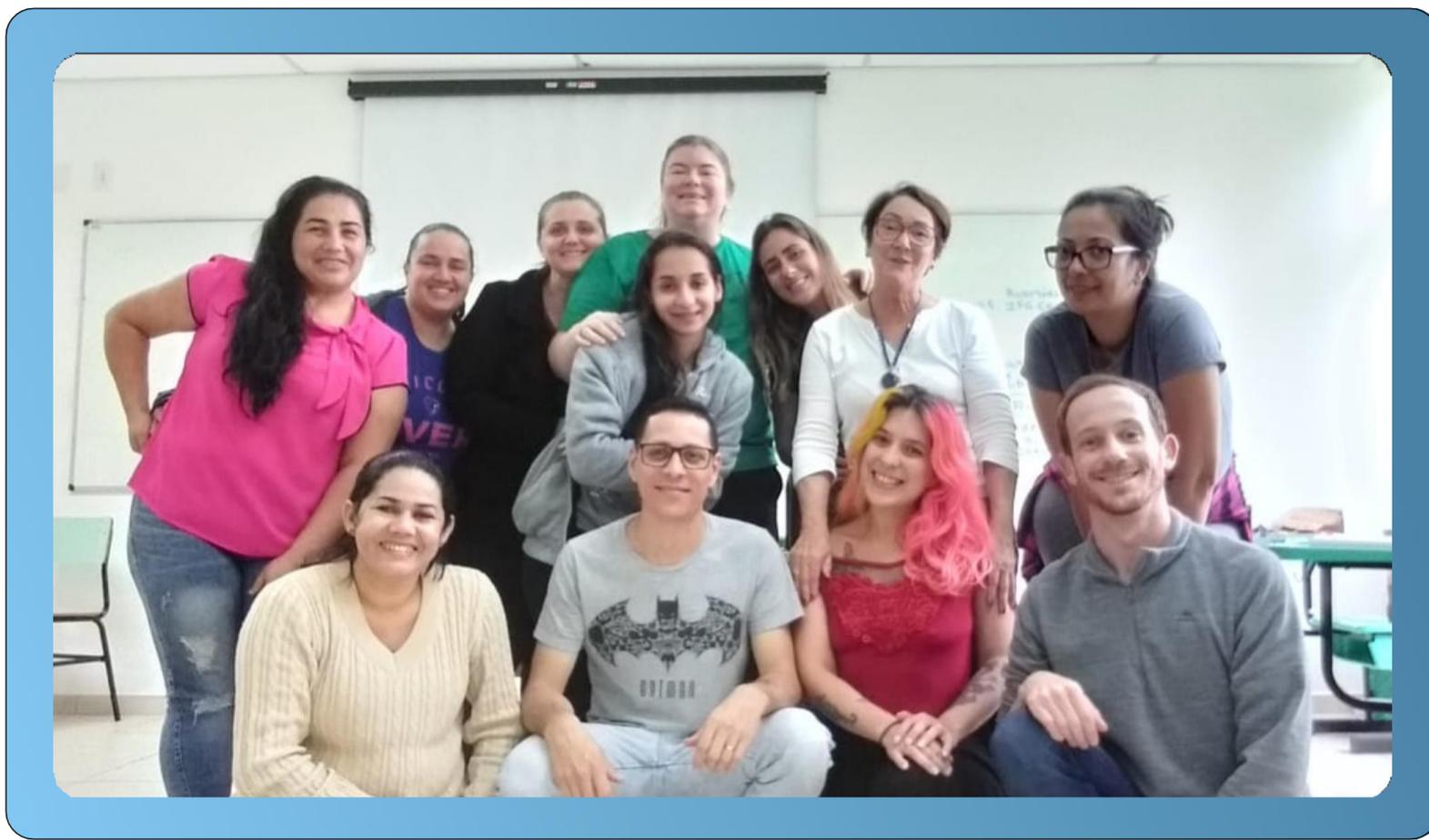


Foto 2. Amanda Fantatto de Melo, Anderson Jose Adami, Andrea Cristina Dias, Anelise Escaravaco, Barbara Giovana Bortoloci Soares, Emilene Medeiros Kurschner, Jandira Colsani, Marcele Nóvoa de Melo, Maria Josiane Lima da Silva, Tamara Becher Oliveira, Wanderson Luiz Vieira da Silva

A minha escolha para participar deste curso se deu através do nome: "Educação para a Cultura de Paz", um tema muito importante para o tempo em que vivemos. Tempo com vários convites ao desencanto. Tempo em que precisamos falar e defender o óbvio. Tempo em que as relações e interações são tidas como descartáveis. Tempo em que a violência se propaga tão veloz quanto a informação.

Apesar de ainda não estar atuando diretamente na minha área de formação (Pedagogia), trabalho em um espaço de recreação com crianças de seis meses a oito anos. Com a frequência no curso, me tornei uma pessoa mais ouvinte, compreensível, aberta ao diálogo e confiante. Falo em confiança, pois o medo e a insegurança sempre me acompanharam e acreditava não ser capaz. Fato que foi me constituindo e foi tão forte que, apesar de ser formada, com uma formação sólida e de qualidade, deixei de assumir uma turma por acreditar que não conseguiria, o que me gerou uma angústia e me fez ir em busca de como melhorar isso. E, o curso, para mim, caminhou nessa direção. Ultrapassou as dimensões teóricas, não se limitou e enfatizou as questões acadêmicas. Mostrou que a mudança que

desejamos está em nós mesmos, que precisamos rever nossos princípios, atitudes e valores e olhar em outra perspectiva.

Hoje, vejo a profissão docente como um desafio que preciso vivenciar, e que, por mais assustadoras que sejam, as mudanças são necessárias, pois sem elas não haveriam borboletas.

Por Amanda Fantatto.

Para mim, estar concluindo o curso de Formação de Educadores para Cultura de Paz, oferecido pelo Instituto Federal Catarinense, Campus de Camboriú, elaborado pela Prof^a Dra Michele Arend, é uma forma de reafirmar todo meu caminhar até aqui. Nossos encontros foram aos sábados, sendo alguns de sol, outros de chuva. Houve sábados bem dormidos e de insônia. Em alguns dançamos em rodas; em outros nos conhecemos pelo ponto de vista da antropologia. Houve sábado de frio, como também houve sábado em que voltamos a ser crianças, cantamos cantigas e fizemos pão.

Em 2019, teve todo tipo de sábado, mas, com certeza, os sábados que tinham aula, claramente, eram sábados de crescimento, que me acalmavam e me faziam continuar caminhando, acreditando na vida e nos nossos conflitos complexos. Quando digo que o curso reafirmou meu caminhar, estou levando em consideração alguns espaços que frequentei até hoje, e um deles, com certeza, foi a Escola Catarinense de Biodanza, onde me formei como Facilitador de Biodanza STR, ainda em 2019. A Biodanza tem como paradigma principal o Princípio Biocêntrico, em que a vida está no centro dos acontecimentos. Como afirma Rolando Toro: "O universo existe porque existe vida." E ter tido o privilégio de participar da primeira formação de Educadores pela Paz, pelo IFC - Camboriú, ampliou e alegrou muito a minha percepção de que uma instituição federal, através de pessoas brilhantes, como a Profa. Michele Arend, estão se movimentando para inserir, ao ambiente acadêmico, percepções complexas e ações para um mundo que respeita os direitos humanos. Estão se movimentando para fortalecer as múltiplas culturas, em que se parte de um local de se autocuidar e respeitar seu corpo como agente intelectual e social. De fato, o curso ampliou meu movimento e minha consciência sobre a atual crise existencial em que vivemos, que parte da complexidade apresentada por Edgar Morin. Terminei o curso me sentindo nutrido pelos encontros realizados em 2019.

Por Anderson José Adami.

Segundo Sol. Por quase uma década, um mundo mais escuro vivia me rondando. Aquela mulher bem humorada, bem resolvida, de alto astral e sorriso fácil, parecia ter adormecido. Alternando momentos de plena felicidade com tristeza profunda, hoje posso dizer que sobrevivi a essa fase da minha vida. A maioria expressiva destes momentos que causavam aborrecimento acontecia durante o meu horário de expediente, nas escolas que escolhi para exercer a minha profissão de educadora. Ainda neste período, sofri muito com a partida da minha mãe que, além de todas as qualidades que ela reunia e do amor que nos unia, era meu porto seguro, e logo me abrigava naquele colo que me acalmava e me encorajava a não desistir. Também concluí o curso de mestrado em educação, tão desejado por mim e pela minha mãe. Noites longas com leitura de livros e artigos, produções textuais, realização de trabalhos e a participação em cursos, seminários, entre outras atividades. Enfrentamos todas as adversidades e comemoramos essa conquista. Esses multifatores contribuíram para o descontrole das minhas taxas hormonais, sobretudo da glândula tireoide, que não suportaram as preocupações, as decepções, a fadiga e, então, o estresse tomou conta.

À rotina foram acrescentadas consultas médicas, exames, visitas às farmácias, dietas e muito mais. Já sentia, além do aumento de peso, certa dificuldade em memorizar coisas que no passado pareciam próximas, de fácil acesso lógico. Sim, a tireoide faz isso. Dias melhores estavam por vir, afinal, para uma entusiasta isto significaria apenas uma fase ruim. Um mau tempo. Um dia escuro. Eis que recebo um convite para fazer um curso: Educação e a cultura para paz. Não pensei duas vezes. Busquei todas as informações de que precisava, reuni os documentos requeridos e parti para a inscrição. Imaginei que seria proveitoso, que eu conheceria pessoas, mas confesso que não fazia ideia de quão rico seria esse aprendizado. As aulas têm sido incríveis, as professoras amorosas e sábias, os(as) convidados(as) brilhantes e os(as) colegas apaixonantes. Ah, e os cafés deliciosos, acompanhados de descontraídas trocas de informações. Era a chegada do segundo sol trazendo a melhor lição deste curso: a paz está dentro da gente e não no outro. Penso já ter aprendido esta lição, pois hoje não permito mais que pessoas e certas situações tirem a minha paz. Certamente, que, em alguns casos, não serei a mulher maravilha, mas sei

como evitar muitos aborrecimentos e tristezas! Avisto as nuvens carregadas e penso: posso me prevenir, seja com um guarda-chuva, uma capa, um abrigo, ou relaxo e tomo aquele banho de chuva!

Espero ajudar muitas pessoas com o bem que fiz a mim mesma! Muito obrigada, professora!

Por Anelise Escaravaco.

Ao analisarmos toda trajetória desse curso maravilhoso, fazendo um retrospecto mental e analítico dos nossos próprios paradigmas e conceitos sobre o que é a Paz, entramos num profundo entendimento, amplamente compreendido, de que a Paz não é só a ausência de guerra e muito menos calmaria todo o tempo, até porque somos humanos suscetíveis a falar. Mas entendermos que, para obtermos Paz, precisamos estar prontos para gerenciar confrontos com racionalidade, empatia e, principalmente, alteridade com o nosso semelhante. Isso requer um alto grau de generosidade e força de vontade, num ritmo de passarinhos, de formiguinha, mas com constância e sempre expandindo de dentro para fora para que esse movimento possa crescer e envolver aqueles que precisam compreender que o ser humano pode habitar em um mundo de paz e harmonia interligados entre si. Sim, é evidente que não almejamos uma utopia, até porque seria uma evolução que estaria anos luz a nossa frente, mas, no momento em que vivemos, no contexto atual, estamos preparando as futuras gerações que estão aí, no presente e chegando futuramente, e pode ser feito um trabalho com ótimos resultados.

Por Andrea Cristina Dias.

Um sol. Um céu. Um mar. Nossa vida é aprendizado. Estamos em constante mudança. Alguns mudam para melhor, outros nem tanto. Porém, não devemos nunca deixar de acreditar na humanidade e na possibilidade de transformação que todos ser humano tem dentro de si.

No período da escola, quando era criança, na aula de português, aprendi que usamos os parênteses quando queremos adicionar informações extras que são necessárias aos textos. Assim, penso que alguns dias, em nossas vidas, são grandes parênteses.

A cada instante, os "textos são interrompidos", e vamos adicionando momentos, lembranças e aprendizados em nossas histórias. Cada lição, cada

vitória, vai sendo acrescentada. Isso nos permite evoluir como ser humano pertencente ao universo, e nos permite ajudar na construção do processo de evolução do outro.

Cada indivíduo pode abrir parênteses em sua história e acrescentar o melhor verbo para definir sua própria paz, ou utilizar os verbos para oferecer a paz. Somos livres para conjugar nossos melhores verbos. Cada verbo em nossa existência pode nos acrescentar, tanto que no verbo AMAR cabe um MAR inteirinho.

Por Bárbara Giovana Bortoloci Soares.

O curso Educação e a Cultura para a Paz foi uma imensa surpresa em diversos sentidos. Com a metodologia “soft, lighth, diet” da professora, desenvolvi grandes aprendizados que, com certeza, levarei a todos os locais por onde for, afetando as pessoas que estiverem ao meu redor.

Foram vários momentos de descobertas em diversas áreas. Foram variadas dinâmicas que me levaram a resolver inúmeros conflitos eternos, que resultam de forma positiva em toda a minha vida. Momentos estes que posso levar a diversos espaços com o intuito de causar bem-estar às pessoas, assim como ocorreu comigo. Foram vários meses de trocas incríveis, nas quais absorvi grandes ideias, capazes de transformar o meu eu e que levarei para onde passar. Me diverti e me emocionei em todos os encontros. Alguns encontros geraram lágrimas, mas foram aquelas lágrimas que nos curaram. Dancei e aprendi dinâmicas para levar para crianças e adultos. Dinâmicas que geram descontração e riso fácil, carregadas de ensinamentos e com o intuito maior de fazer com que cada um encontre seu ponto de paz. Saio do curso Educação e a Cultura para a Paz inspirada e com sede de conhecimento. Saio determinada a levar melhorias por onde for e hoje percebo que não sou única, e que, quando penso, não posso pensar apenas em mim como se fosse um ser à parte de um todo. Faço parte desse todo. Constituo esse todo e todas as minhas ações geram reações nesse todo. Assim sendo, estou comprometida com todos ao meu redor, para sempre dar o melhor de mim.

Por Emilene Kurschner.

Sou Jandira e trabalho no C.E.M. Tomaz Francisco Garcia, localizado na Rua Biguaçu, bairro dos Municípios, em Balneário Camboriú. Trabalho há quase 10 anos nessa escola. Minha função de origem é a da agente de serviços gerais, mas por motivos de saúde estou impossibilitada de exercer a minha função. Fui readaptada pela Junta Médica do município e, depois de trabalhar por dois anos na secretaria da escola, fui removida para a biblioteca, onde estou trabalhando há quatro anos. Sou formada em Pedagogia, mas não atuo como professora. Lá tive a oportunidade de trabalhar diretamente com os alunos e, ao longo destes anos, percebi que gosto do que faço. Estudei toda minha infância nessa escola e tenho um grande carinho por ela. Trabalho no período matutino, das 7 às 13 horas, de segunda a sexta-feira. Às 7h30min, o portão da escola deve ser aberto. Nesse horário, estou no pátio interno e fico com os alunos até 7h45min. Converso bastante com eles, na verdade, eu escuto as histórias que eles me contam. Alguns mexem no meu cabelo, me abraçam, perguntam do que gosto, como estou, entre outras coisas. Coisas de criança.

Quando toca o sinal para eles entrarem, volto para a biblioteca, onde faço trocas de livros com os alunos do 2º ao 5º ano. Essa troca acontece toda semana. No começo, não conversava muito com as crianças. Simplesmente entregava o livro e desejava uma boa leitura. Quase sempre só respondia o que elas me perguntavam. Hoje, depois do curso, percebo o quanto mudei, para melhor. Depois que comecei a fazer o curso, notei que estou mais calma, procuro dar mais atenção e carinho, observo mais as crianças: se elas estão bem, pergunto o que elas estão aprendendo em sala e do que elas gostam de fazer. Pergunto sobre a leitura do livro, comento sobre o livro que li, do que achei, o que entendi da história e elas me falam se leram ou se foram os pais que leram para elas à noite. Pergunto qual parte elas mais gostaram. As crianças ficam mais tempo comigo quando vão fazer as trocas. Perguntam se tal livro está emprestado, e procuro para elas. Hoje posso dizer que fazemos uma troca de ideias, de carinho e atenção. Às 9h15min começa o recreio dos anos iniciais e, nesse momento, fecho a biblioteca e vou para o pátio interno, onde ajudo a orientadora a cuidar delas. Temos, no pátio, para elas brincarem: bambolês, mesa de pingue-pongue e pebolim. Elas adoram jogar; vêm correndo para pedir que eu jogue com elas, mas só

brinco no pebolim. Claro, não tenho coordenação para o pingue-pongue. Me divirto muito! Adoro estar no recreio com elas, pena que passa tão rápido. Passado o recreio, eu volto para minha sala. Atendo alunos dos anos finais, também empresto livros pra eles e materiais para os professores. Às 10h00min vou novamente para o pátio, durante o recreio dos anos finais. Eles são envergonhados, mas também vêm me contar coisas deles, mostrar o celular que ganharam. Contam os cursos que estão fazendo, falam as notas que tiraram nas provas ou trabalhos, etc. Às 11h45min termina a aula e então abro o portão da escola. Antes de sair, eles se despedem de mim, desejando que eu tenha um bom descanso, que sempre vem acompanhado de um “até amanhã”. Alguns alunos ficam um pouco mais, pois têm que aguardar os pais que não conseguem chegar no horário, por causa do trabalho deles. Ficam comigo até chegar um responsável para buscá-los. Enquanto aguardamos os responsáveis, brincamos de escolinha e geralmente eles querem ser professores. Também brincamos de “adoleta”, de forca e outras brincadeiras.

Por Jandira Colsani

Ao receber a notícia de que haveria, no IFC-Campus Camboriú, um Curso de Cultura e Educação para Paz, minha colega Ana logo lembrou de mim e me mandou no whatsapp uma mensagem: “Katita, olha o curso que vai abrir na Faculdade.” Nossa! Meus olhos brilharam, porque eu sabia o quanto o tema “Paz” mexia comigo. Sempre quis ser uma pessoa calma, centrada e orientada. Quando saiu o edital creio que fui uma das primeiras pessoas a se inscrever e logo fiquei ansiosa para saber se teria sido ou não classificada. Bom, saiu o resultado e lá estava o meu nome, que emoção! Mas juro que eu tinha uma ideia equivocada do que seria a Educação para a Paz. Tinha como entendimento que aprenderia a acalmar as pessoas. Mas, para minha surpresa, o curso me levou para além disso. Me ensinou que a Paz está dentro de mim, que ela não se encontra em qualquer lugar.

Nós somos a Paz. Nós fazemos a Paz, e como isso? Colocando-nos nas mediações de conflitos, na empatia com o outro, no não julgamento. E isso levei para a minha vida, dentro do Núcleo de Educação em que eu trabalho. Comecei a olhar para as crianças com outro olhar, entendendo suas aflições, não sustentando seus sofrimentos, tentando de algum modo mostrar para minhas colegas o quanto é importante olhar os pequenos não só com a razão, mas en-

tender os seus momentos, suas realidades, não julgando, tipo: "fulano é mal educado". Não! Muitas vezes o que ele precisa é de um abraço, um carinho, de um entendimento.

O curso de Educação para a Paz me tirou de uma zona de conforto, onde tudo tinha uma razão, onde tudo era julgamento. A partir do conhecimento que tive, de todo o aprendizado, hoje, posso dizer que a Paz vive em mim.

Por Katia Cilene da Silva Mazon.

Eu, antes do curso Educação e a Cultura para a Paz, sabia que tudo o que eu falava e/ou fazia podia ou não afetar as pessoas. Hoje, depois do curso, me vejo tendo a consciência de que tudo que falo e/ou faço afeta primeiramente a mim, para depois afetar ou não as pessoas. Antes, guardava sentimentos bons ou não tão bons assim para mim, para que eu não fosse responsável por ferir alguém. No curso, descobri que o guardar fere a pessoa mais importante para mim, que sou eu mesma. Descobri que os conflitos existem e, dependendo de como são enfrentados, podem ser motivadores de mudança, evolução, crescimento ou podem ser o empecilho para encontrar e levar a Paz.

Como educadora me torno responsável pelo que falo, sinto e ajo. Com essa consciência e mudanças, me educo e consigo ensinar, mostrar aos outros que existem muitos caminhos que podem ser seguidos. Antes, confesso, sem perceber, por muitas vezes, julgava ações e pessoas baseada nos meus próprios valores, convicções e verdades. Hoje procuro conhecer, saber o porquê daquela ação e a decisão é dela e não posso me afetar ou tenta interferir, mesmo que somente com palavras. Mas o que mais significou para mim foi a descoberta de que a Paz me habita, e que sou sua propagadora.

Por Marcele Nóvoa de Mélo.

Avaliando o que aprendi durante o curso para educadores e uma cultura de paz, consigo enxergar que antes somente tinha comigo a vontade de fazer movimentos que chegassem a esse propósito de promover a paz entre as pessoas. Nos meus pensamentos, já me alimentava dessas vontades de saber como promover essa tão sonhada paz.

Acredito que, algumas vezes, até tenha contribuído para mediar um conflito entre colegas, família, em várias ocasiões. Porém, vejo que

poderia ter feito muito mais se tivesse os conhecimentos e a clareza, a maturidade que hoje tenho, principalmente ao concluir esse curso que foi de grande contribuição para minha vida.

Hoje me sinto mais determinada a esse propósito e sei que sou capaz de contribuir para uma sociedade mais saudável e também tenho a consciência de que não preciso mudar o mundo inteiro, até porque nem poderia. Mas fico feliz em saber que, com uma pequena semente que plantar, poderei fazer a diferença para algumas pessoas e para minha própria vida.

O conhecimento é uma grande arma para a transformação do ser humano. Sinto que avancei um pouco nos meus objetivos. Quero conhecer ainda mais as ações que nos ajudarão a mediar conflitos, promover a paz e sempre acreditando em mim e nas pessoas ao meu redor. Muita gratidão pela oportunidade de participar desse curso, onde conheci pessoas maravilhosas e descobri que o pouco que puder fazer será grande para mudar e melhorar o mundo em que vivemos.

Por Maria Josiane Lima da Silva

Na atualidade, temos a consciência de estarmos vivendo mudanças profundas que não compreendemos adequadamente. Atualmente os povos têm clamado pelo reconhecimento das suas culturas, suas etnias e suas religiões.

Esse não é um clamor novo. É um fator que incomoda há muito tempo. Mas, nos tempos atuais, ele está mais vivo. As pessoas lutam com mais vigor para terem reconhecidas suas identidades. Todas as culturas tendem a distribuir as pessoas e os grupos sociais entre dois princípios competitivos de pertença hierárquica: princípio da igualdade e princípio da diferença.

Esta última premissa situa-nos no âmago da questão da ressignificação dos direitos humanos hoje. Esse é o caminho para uma sociedade que valida os direitos humanos, ou seja, é quando o indivíduo pode ser o que quiser, sem pré-julgamento. É uma sociedade mais justa onde todos têm os mesmos direitos. Nesse contexto se discutem as diferentes questões do multiculturalismo presentes nas sociedades atuais.

Por Tamara Becker Oliveira.

O Curso Educação e Cultura da Paz foi um ponto importante para o meu caminho como Educador. As atividades, vivências e experiências foram fundamentais para o desenvolvimento cada vez mais claro para a construção de uma cultura de Paz. Como Educador, antes do curso, ainda não tinha uma clareza sobre como deveria desenvolver essa cultura.

A partir dele, pude perceber o quanto significativo é, o quanto é importante cultivar tal cultura. Depois do curso, tudo ficou claro, objetivo e desafiador. A partir das aulas e das experiências vividas, cabe a mim fazer a diferença. Hoje consigo perceber o quanto é importante uma cultura de Paz, pois compreendo que, quando estou pleno, tudo a minha volta pode ser facilmente transformado pela Paz que carrego dentro de mim.

Por Wanderson Luiz Vieira da Silva.

A mediação no aprendizado

Para uma cultura de paz



Foto 3. Marcele Nóvoa de Melo, Michele Catherin Arend, Amanda Fantatto de Melo, Maria Josiane Lima da Silva, Anelise Escaravaco, Anderson Jose Adami, Jandira Colsani, Wanderson Luiz Vieira da Silva, Katia Cilene da Silva Mazon.

Nesta perspectiva, a mediação não se concretiza somente como resoluções de conflitos e a paz não fica submetida a um conceito vazio, entendida apenas como um estado de ausência de guerra. Na ótica de uma cultura de paz, compreendo que o conflito deixa de ser visto como um território de disputa, agressões, ataques e adversidades, passando a ser entendido como um processo de cooperação que busca trabalhar as relações de maneira colaborativas, cooperativas e dialógicas, contribuindo para a materialização de uma sociedade mais justa, democrática, solidária e empática.

Acredito que a mediação visa uma reflexão sobre os princípios e práticas de cada um, redimensionando nossas atitudes e valores, de forma a semear e vivenciar o amor, o diálogo, o saber ouvir/escutar, a tolerância, a compreensão e a valorização das diferenças. A mediação não extingui os conflitos, mas busca uma resposta pacífica entre eles, visando um

entendimento. Assim, acredito que precisamos cultivar a solidariedade, o amor e a paz em detrimento da violência e da intolerância.

Precisamos (re)criar a esperança, a igualdade, a justiça, a sensibilidade, a tolerância, o respeito e a liberdade. Princípios e práticas que precisamos mobilizar no encontro com o outro, na reflexão, no diálogo e, principalmente, na luta pelo que acreditamos.

Por Amanda Fantatto

Considerando até o presente momento, entre os conteúdos que foram apresentados no curso: "Educação e a Cultura para a Paz: atividades e práticas socioeducativas em espaços educacionais (espaços escolares e equivalentes)", me chamou bastante atenção quando, no último encontro, no dia 26 de outubro de 2019, a Prof^a Michele Arend nos apresentou o Arquétipo da mediação de conflitos: Reconhecer o conflito, reconhecer as diferenças, identificar os interesses em comuns e contraditórios em torno do conflito. É através desse arquétipo que irei conduzir o presente texto, partindo de um conflito vivencial, presente em minha vida.

No primeiro momento, tive que reconhecer o conflito. Após pensar e analisar o panorama, cheguei à seguinte denominação do conflito: como manter e aumentar os clientes, num fluxo estável (saudável), nas atividades que realizo? Facilito no Sesc de Balneário Camboriú? No segundo momento, comecei a listar as diferenças e reconhecê-las. Nessa lista comecei a escrever as minhas características e as características do cliente. Sesc: Ao falar em Inspiração, não falo sobre algo metafísico, ideias que vêm além desse mundo. Cito preservação do autocuidado, alimentação adequada, sono, integração com o espaço físico, fluidez no planejamento e possibilidade de conhecer novos conceitos para serem aplicados nos grupos. O bem-estar de quem facilita grupos reverbera de forma sistêmica na compreensão e postura de cada indivíduo do grupo, frente às atividades sugeridas e os conflitos encontrados no cotidiano. Após listar as diferenças, vou para o terceiro momento que é Identificar os interesses em comuns. O conflito já foi citado no primeiro momento, que consiste em: aumentar e manter os clientes dos grupos que facilito no Sesc de forma saudável. Após listar as diferenças, consegui, num primeiro momento, compreender: quem sou, o que desejo, minhas habilidades para continuar desenvolvendo o trabalho

com qualidade e compreender as necessidades da empresa e nossas diferenças.

Uma empresa contempla vários sistemas integrados: Políticas públicas-internas, Sociedade Hierárquica, Funcionários, Setores, Público-alvo da empresa, Clientes, etc. Incluir uma engrenagem que preserve as relações saudáveis e números pode mexer no fluxo de sistemas já estruturados, colocando em risco a sinergia do Sistema. Devemos nos perguntar o seguinte: A sinergia do sistema que participo é saudável? Estou integrado nessa sinergia? Alterar o fluxo de alguns sistemas é necessário para compreendermos o mundo e preservá-lo! Como interesses comuns, após serem listados, me vem à mente o local em que a empresa e eu nos encontramos, com objetivos em comuns: prosperidade e recursos (são os dois tópicos principais).

A partir deles vão se ramificando. Olhar para a prosperidade e recursos, somente reconhecendo números, financeiro, pode ser uma falha dentro de um sistema que pretende manter relações estáveis e saudáveis. A prosperidade, assim como os recursos, podem ser medidos em tangíveis e intangíveis.

Por Anderson José Adami

As ações trabalhadas em nosso cotidiano são de extrema relevância para nos habituarmos com uma Cultura de Paz, pois é lá, na nossa vida diária, com todos nosso afazeres e nossas dificuldades de uma rotina cansativa e tão cheia de tarefas, em um mundo moderno e complexo, que tudo pode tornar-se como um campo minado onde existem muitas situações que nos colocam à prova, para “testar” nossa Paz interior. É aí que devemos nos lembrar de todos os exercícios trabalhados durante o curso. Em relação à mediação de conflitos, podemos intervir a nossa volta, buscando, assim, alcançar uma condição de vida voltada para o bem-estar do corpo, saúde mental, psíquica e física, utilizando técnicas de meditação e reflexão, as quais podem nos fazer encontrar o equilíbrio intimamente. Dessa forma, podemos exteriorizar com atitudes que possam auxiliar e combater todos os tipos de violência, agindo com sensibilidade e racionalidade. Devemos, também, sempre levar em consideração que somos imperfeitos e precisamos ter um olhar de alteridade com o semelhante, podendo, assim, mediar com sabedoria os conflitos geradores de situações que remetem a tirar a nossa Paz. Podemos aprender a gerenciar esses eventos levando em consideração que sempre podemos fazer algo para contribuir de forma positiva com um mundo melhor

a nossa volta.

Por Andrea Cristina Dias.

Atualmente nos deparamos com uma série de conflitos praticamente todos os dias. Quando não presenciemos situações conflitantes ao vivo, no trabalho, no lar, nas reuniões com grupos de amigos(as) e colegas, basta acessarmos qualquer aparelho que nos coloque em contato com notícias, sejam locais, regionais, nacionais ou além das fronteiras, que logo encontramos um mundo de desavenças e de violência. São vários os motivos que podem desencadear os conflitos e geralmente estão associados ao cansaço, ao desgaste emocional, ao estresse e tantos outros fatores que contribuem para que situações conflitantes aconteçam. Em alguns casos, nos mais extremos, percebemos que vidas estão sendo perdidas por conta de guerras e outras lutas em troca de poder, ganância, ideias e opiniões divergentes, enfim, por infinitas questões. Mas não estamos falando de algo novo. Os conflitos sempre existiram e a história da humanidade pode muito bem nos contar isso.

Evidentemente que, nos dias atuais, talvez pelo fácil acesso que hoje temos às informações, os casos conflitantes parecem ter aumentado consideravelmente, em relação aos tempos passados. Com isso, muitas pessoas estão adoecendo e, muitas vezes, desistindo de seus projetos, seus planos e, inclusive, de suas vidas. Então, é chegada a hora de atuarmos em prol do bem-estar de todos, buscando mediar e orientar os autores envolvidos em tais situações. Como mediadores, poderíamos sugerir, aos envolvidos, fazer uma reflexão com o intuito de ampliar alternativas, em busca da superação do conflito. Mas, talvez essa seja a grande questão: como poderíamos mediar ou superar conflitos se ainda não fizemos a nossa própria reflexão? Antes de sermos voluntários e imparciais facilitadores, precisamos fazer nossa própria reflexão, de maneira que possamos nos reconhecer no outro. Precisamos aprender a ouvir o outro. Entender que o outro é diferente de nós, mas, ainda assim, nos completa.

Assim, nós poderíamos construir um caminho, quem sabe por meio do diálogo, que nos conduza a uma relação voltada para a resolução e, quiçá, para a superação de conflitos. Então, a partir de todo o aprendizado adquirido durante muitos sábados deste ano, percebo que houve uma mudança significativa nas minhas atitudes. Não posso chamar de transformação, pois

não me sinto transformada, mas sim revigorada.

A partir desta vivência e das reflexões por ela proporcionadas, houve um grande resgate de valores, sentimentos e prioridades, que levemente me impulsionaram a agir com mais tolerância, mais calma e mais esperança, e isso fez com que eu me tornasse melhor, para mim e para os que comigo convivem. E como parte do todo, acredito que eu possa ser uma sementinha.

Por Anelise Escaravaco

Quando pensamos sobre a paz, devemos compreender que ela não deve ser responsabilidade somente de tratados entre governos, mas responsabilidade de todos nós, cidadãos do mundo. Ao trazermos a reflexão acerca de uma cultura de paz, também trazemos o pensamento sobre promoção da paz. Promover a paz está intimamente ligado ao gerenciamento de conflitos, pois a prevenção de hostilidades e desentendimentos, com potencial para a violência, é um exemplo a se falar quando pensamos em promoção e cultura de Paz. Os conflitos são essenciais para as mudanças sociais e também são processos naturais do ser humano, no entanto, a forma como esses conflitos se resolvem vai indicar a ausência ou não de um ambiente pacífico e saudável.

A humanidade, ao determinar sua posição em relação ao amor, também define sua posição diante da vida. Assim sendo, o amor é considerado uma necessidade de nós seres humanos, e o amor, sendo componente essencial da cultura humana, traz grandes benefícios físicos, sociais e psíquicos, sendo um grande aliado no desenvolvimento e mediação de conflitos da humanidade.

E, ao pensarmos em ações voltadas para mediação de conflitos, salientamos que a PAZ deve estar presente em todas as atitudes que temos durante os dias, e que o respeito pelos direitos humanos e o respeito pelas diferenças devem ser os principais argumentos a serem utilizados para promover a ausência de guerras, brigas e conflitos. Cada problema se resolve de uma maneira diferente, pois cada relação entre as partes é diferente, e cada ser humano possui sua individualidade, sua singularidade. Mas existem formas para que os conflitos sejam resolvidos das melhores formas possíveis, como: aprender a respeitar, ter empatia, ter responsabilidade

com seus erros, aceitar e pedir perdão, ser compreensível e saber dialogar.

Devemos buscar por ações socioeducativas que contribuam para a educação e conhecimento da sociedade acerca da busca pela cultura de paz. Se educarmos a sociedade para a paz, os conflitos tendem a diminuir e ambas as partes tendem ao crescimento em conjunto.

Por Bárbara Giovana Bortoloci Soares

Por que a mediação, dentre outras possibilidades, é um bom caminho ou o melhor caminho na solução de disputas dentro de uma cultura de paz e respeito aos direitos humanos, considerando os conteúdos acessados no curso até o presente momento? A resolução de conflitos, através da mediação, seria uma das formas mais rápidas de estar solucionando um conflito. Se formos pensar no sistema judiciário brasileiro, podemos levar em conta também que a resolução de conflito é uma forma menos dolorosa de se solucionar problemas. Afinal, ela evita todo um desgaste e marcas posteriores que uma ação judicial pode trazer.

Pessoas, por terem costumes ou culturas diferentes, entram em conflitos, muitas vezes, por motivos superficiais e que podem ser resolvidos com uma facilidade muito maior através da mediação, sem deixar maiores magoas. É possível, talvez, um maior esclarecimento aos sujeitos envolvidos que possa resultar em uma convivência amistosa, no futuro, entre essas pessoas. A conciliação leva em consideração os aspectos sociais e culturais dos sujeitos, tentando solucionar, de forma simples e eficaz, conflitos que podem surgir de diversos motivos, algumas vezes, até mesmo, por problemas pessoais e não com o outro.

O fato de a mediação não necessitar de um juiz dá às pessoas a sensação de proximidade, fazendo com que surja uma maior disposição em resolver os conflitos, afinal, resolver tensões entre seus pares é muito mais fácil e confortável do que estar diante de um juiz.

Este, geralmente, por ser uma figura considerada de poder, gera uma sensação de distanciamento das pessoas, fazendo com que não se sintam realmente à vontade para solucionar algum conflito. A mediação pode solucionar conflitos de forma rápida sem gerar maiores danos e

constrangimentos e, muitas vezes, com mais zelo que a ação judicial. A mediação é capaz de aproximar as pessoas ao solucionar o conflito.

Por Emilene Kurschner

A mediação é um processo flexível que pode ser adaptado à necessidade de cada conflito. Ela não acaba com os conflitos, mas ajuda na solução deles por meio de uma conversa, por gestos e atitudes. A cultura de paz não significa fraqueza ou submissão, mas mostra a civilização e o caminho para não gerar a violência, e sim a união entre os seres humanos. Ela pode ser trabalhada com os nossos adolescentes e crianças nas escolas, e assim ajudar a gerar a paz entre os nossos educandos, contribuindo com um ambiente mais fraterno entre colegas, pais e a equipe escolar em que eles estejam inseridos. Ela ajuda a solucionar a violência e seus conflitos. Podemos transformar a cultura de violência em uma cultura de paz, apresentando caminhos pelos quais podemos percorrer, com base nos valores de confiança, da cooperação, do cuidado, da amizade, entre outros. Assim, a mediação de conflitos e a comunicação não violenta são ferramentas essenciais para um novo olhar e um mundo de paz.

Por Jandira Colsani

O conflito faz parte da vida das pessoas. Sempre esteve presente na humanidade e em qualquer ambiente: na igreja, na política, na família, na escola, no trabalho etc. A diferença está em como se lida com esses conflitos. Em vários momentos da História da humanidade, com a intenção de se resolver diversos conflitos, iniciaram-se muitas guerras, massacres, deixando como resultado dores, sofrimentos, mortes e novos conflitos. Mas a humanidade evoluiu, aprendeu novas tecnologias, algumas de destruição e outras reconstruções. Algumas guerras se prolongaram por anos e outras já terminaram, quando ambos os lados se permitiram sentar e ouvir. Ao ouvir o outro se permite escutar a si próprio. Então, sim, a mediação é um ótimo caminho na solução de disputas dentro de uma cultura de Paz. Mas, pensar em toda a humanidade, pensando e vivendo a Paz, ainda é uma utopia. Contudo, algumas pessoas já pensam, falam e propagam esse possível “novo” modo de viver.

A mediação é uma poderosa ferramenta de solucionar conflitos, pois ela permite fortalecer as pessoas para que elas encontrem soluções alternativas

para as questões que lhes afligem. Também torna possível dizer não à violência, encontrando no diálogo, na negociação, a melhor forma de respeitar o outro e respeitar a vida.

A mediação é capaz de transformar as ações das pessoas, dando ferramentas para que elas se fortaleçam emocionalmente, tornando-as mais fortes e capazes de **se** comunicar e viver melhor em sua comunidade. O objetivo é viver em paz e para a paz. A mediação é sim uma ótima ferramenta para a paz, mas cabe a cada um de nós propagar esse conceito na solução dos conflitos do dia a dia. Não podemos depositar no outro a culpa pelo conflito ou aguardar que venha do outro a solução. Devemos buscar viver em paz, pois a paz deve ser construída, vivenciada, escolhida. Não há como ninguém nos dar a paz ou nos tirar a paz, ela deve habitar em nós e ser demonstrada nas ações.

Por Marcele Nóvoa de Mélo.

Participar deste curso está sendo o início do que podemos fazer para conhecer e exercitar as ações de mediação para uma cultura de paz. Vale ressaltar que as abordagens sobre paz nas escolas devem vir acompanhadas de uma dimensão conceitual mínima para que não fiquem concentradas em alguns desses projetos, como um projeto de valores humanos que fale dos valores “universais”, e não exponha a desigualdade social que influencia na própria percepção de valores; um projeto de mediação de conflito que seja de maneira autoritária; e um projeto de meio ambiente que fale de árvores sem tratar do esgotamento dos recursos do planeta, ou ainda, a clássica imagem das pombinhas brancas da paz pelos corredores das escolas.

Isso não quer dizer que esses projetos não sejam válidos, porém, quanto mais se aproximarem do senso comum sobre a paz, tanto mais serão reduzidos de potencial educativo, logo, com impacto limitado, uma vez que serão ações pontuais sem relação como projeto pedagógico da escola.

É importante salientar para a questão de conhecermos a Agenda 21 Global, a Agenda 21 Brasil, a Agenda 21 Local e a Agenda 21 na Escola, para que tenhamos a certeza dos nossos direitos e deveres enquanto cidadãos e possíveis mediadores de uma cultura de Paz. Com isso, concluímos que o comprometimento deve ser unânime e sincero, e que as soluções advenham

de dentro das sociedades e não somente do exterior. A prática da não violência deve acontecer para resolver conflitos e é hora de começarmos a convocar a presença da paz em nós, entre nós, entre nações e povos.

Por Maria Josiane Lima da Silva

A mediação é um processo flexível e pode ser adaptado às necessidades específicas de cada conflito escolar ou não. Também é uma ótima ferramenta para melhorar a convivência no ambiente e na comunidade escolar, devendo ser adotada por todas as instituições de ensino. A mediação, não acaba com os conflitos, mas implica na solução pacífica deles, por meio de uma conversa verdadeira e harmoniosa. A cultura de Paz não significa fraqueza ou submissão, mas mostra a civilização. Portanto, não aceitar a violência já é um caminho para a cultura de paz. Isso também quer dizer que, quando rejeitamos a violência, não queremos dizer somente a violência física ou criminal, mas também a violência banalizada e escondida, que passa longe da punição legal. A cultura de paz tem que ser apresentada aos nossos jovens, adolescentes e crianças. Junto com as escolas e as famílias, temos a condição de cultivar o respeito e o cuidado em todas as dimensões de nossas vidas. O ensino da cultura de Paz em instituições escolares tem como objetivo capacitar nossos estudantes a construir com seus colegas, pais e professores seus próprios ideais de cultura de paz, produzindo soluções não violentas para seus conflitos.

E como podemos transformar a "Cultura da violência em Cultura de Paz? Apresentando caminhos pelos quais podemos percorrer, com base nos valores de confiança, da cooperação do cuidado e empatia. Assim, a mediação de conflitos e a comunicação não violenta é uma forte ferramenta para um novo olhar para a resolução de conflitos.

Por Katia Cilene da Silva.

Acredito que a melhor maneira de contribuir para se estabelecer uma civilização aberta à mediação e à cultura de paz é expandindo os conhecimentos sobre o assunto. Podemos pensar grande quanto a isso, mas podemos começar pequeno. Iniciar essa cultura com pessoas mais próximas, familiares, amigos, colegas de trabalho. E ir expandindo aos poucos, e fazendo com que aqueles, para os quais você já passou um pouco desse conhecimento, possam aderir à ideia. As pessoas precisam se conhecer primeiro, porque para se levar a paz é

preciso se encontrar e fazer aflorar a paz que existe dentro de nós. Isso não acontece de uma hora para a outra, demanda tempo e paciência.

Em segundo lugar, é preciso conhecimento. Quanto mais você estuda sobre o assunto, mais fácil é de convencer outras pessoas.

É preciso ter conhecimento sobre nossos direitos tanto quanto sobre nossos deveres, bem como ter empatia e olhar o outro com alteridade. É preciso saber mediar conflitos sem se envolver de fato, mas é preciso também sempre tentar entender como o outro se sente. As pessoas precisam parar para observar os espaços onde se encontram e as pessoas que ali estão. A partir do momento que você está em paz, fica muito mais fácil mediar um conflito, abordar tópicos de uma discussão, sem levar tudo para o coração. Precisamos, primeiramente, focar nas crianças, que precisam ter adultos que as tratem com calma, que consigam ouvir o que elas têm a dizer, o que elas querem e sentem.

As crianças são importantes para se formar uma sociedade aberta à cultura de paz. Hoje o que se vê, em todos os lugares que atuamos, são crianças nervosas, impacientes. Precisamos fazer algo quanto a isso. Nós, adultos estamos sempre apressados, sempre sem tempo de sentar e escutar nossas crianças. Crescemos assim e não paramos para pensar que isso faz mal para elas. Este curso me fez perceber o quanto é importante desacelerarmos. Me fez olhar para dentro de mim, lembrar de coisas que aconteceram no passado para me fazer perceber como aquilo me fazia mal no presente.

Precisei me desconstruir para assim poder me reestabelecer como o ser que sou de verdade. Descobri coisas que estavam enterradas em meu subconsciente que nem eu sabia ou lembrava.

Este curso se encaixou perfeitamente na vida atual que levo e na que quero para o futuro. Pretendo utilizar de tudo que vi e aprendi no curso para levar a cultura de paz para onde for, tanto no ambiente familiar como no trabalho, já que pretendo trabalhar com educação. É dessa forma que acredito poder levar a cultura de paz para todos os lugares, e acredito ser possível.

Por Tamara Becher Oliveira

A mediação é o melhor caminho para uma cultura de paz, pois, por meio dela, podemos evitar conflitos e também podemos ajudar pessoas a se tornarem cada vez melhores. Vivemos em um mundo onde a comunicação acontece em uma velocidade assustadora, e, muitas vezes, somos influenciados a nos comunicar apenas por meio de smartphones, tablets e e-mails. O ato de se comunicar com o outro faz com que sejam compartilhados sonhos, medos, receios e conflitos. A comunicação com o outro deve ser um exercício, pois quando compartilhamos tudo o que está acontecendo no nosso eu interior, nossas cargas emocionais se tornam mais leves.

Quando nos tornamos mediadores, os conflitos podem facilmente ser evitados, fazendo com que uma cultura de paz seja estabelecida, propagada e compartilhada. Vivemos em uma sociedade na qual as pessoas vivem uma vida cheia de tarefas e afazeres. Os conflitos são inevitáveis e quando eles aparecem é necessário que aprendamos a ser mediadores e também estarmos abertos às mediações, pois a cultura de paz é um processo que precisa ser construído em cada um de nós.

Por Wanderson Luiz Vieira da Silva

Epílogo

Ao finalizarmos nossas atividades, surgiu de imediato o convite para darmos continuidade e multiplicarmos os momentos e saberes que juntos vivenciamos durante o curso para todos os espaços onde estivermos. O dia do término das atividades foi de muitas emoções. Chegar ao fim do primeiro Curso “Educadores para a Cultura de Paz”, e termos, durante alguns meses, acessado espaços maravilhosos dentro de cada um e com os demais do grupo, deixou lembranças perenes. Juntos, vislumbramos novas possibilidades e construímos novas trilhas com os conhecimentos adquiridos. Vivenciamos atividades no curso, as estendemos para o nosso dia a dia e conversamos sobre os resultados alcançados. Tivemos variadas oportunidades de sentir, falar e ouvir uns aos outros.

As interações e o lembrete sobre a importância que deve ser dada para o acolhimento, de si mesmo e para a singularidade de cada Ser, resultaram em momentos intensos, expandindo nosso sentir e nossos saberes, de diferentes formas, uns com os outros, em palavras e atitudes. É bom lembrar que tudo isso começou quando nossos corações e mentes aceitaram o convite para espiar além do buraco da fechadura e querer saber o que o curso oferecia. Escancararam-se as janelas... Ousamos entrar, caminhar e olhar juntos para tudo que se apresentava e, principalmente, a olhar expandido para quem estava ao nosso lado, independente dos momentos e lugares, buscando ouvir além das palavras ou do campo que a nossa visão alcançava (fomos além do que a visão e a proposta tangível do curso almejava).

Ao término do curso, estamos mais confortáveis, preenchidos com mais ousadia, abertos as novidades, com coragem para SENTIR e falar sobre amor e paz. Estamos mais vazios de medos, culpas, críticas e julgamentos. Chegamos ao final desta etapa em nossas vidas, e, ao mesmo tempo, do início de tudo que se queira fazer, saímos inteiros e abertos a mais complementos.

Estamos dispostos a continuar multiplicando, como as sementes, o exercício de sentir e pensar a paz, nos propondo a colocar em prática ideias e ações nos variados espaços educacionais na sociedade, contribuindo para que uma cultura de Paz se torne uma realidade possível em todos os lugares.

Muitos abraços, sempre!

Referências

JARES, X. R. Educação para a paz: sua teoria e sua prática. 2ª ed. Ver. Trad. de Flávia Murad, Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. Educar para a paz em tempos difíceis. Tradução Elizabete de Moraes. São Paulo: Palas Athenas, 2007.

_____. Pedagogia da convivência. Trad. Elisete de Moraes Santana. São Paulo: Palas, Athenas, 2008.

MONTESSORI, M. A Educação e a Paz, Papyrus Editora; 2004.

RAYO, J. T. Educação em direitos humanos: rumo a uma perspectiva global. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROS, M.; GOUVEIA, V. V. Psicologia social dos valores humanos: desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados. São Paulo: Senac. São Paulo, 2006.

REIGOTA, M. O que é Educação Ambiental? São Paulo: Brasiliense, 2009.

ROUSSSEAU|, J. J. Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.

SALLES FILHO, N. A. Educação para paz: um caminhar no pensamento complexo através de cinco pedagogias integradas e complementares. Revista Polyphonia, 2016. Doi: <https://doi.org/10.5216/rp.v27i1.42291>.

_____ . Cultura de Paz e Educação para a Paz: olhares a partir da teoria da complexidade de Morin. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2016.

SEIDEL, D. Mediação de conflitos: a solução de muitos problemas pode estar em suas mãos. Brasília: Vida e Juventude. Unesco (1995). Declaração dos Princípios sobre a Tolerância, 2007.

Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org>. Acesso em: 17 out. 2018.

SERRANO, G. P. Educação em valores: como educar para a democracia. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bordieu: uma leitura contemporânea, Rev. Bras. Educ., 2002.

STIVAL, M. C. E. E.; FORTUNATO, S. A. O. Dominação e reprodução na escola: visão de Pierre Bourdieu. Anais EDUCERE, 2008 p.102-109.

TILLMAN, D. G. Educando com Amor y Sabiduría, Disciplinado com Paz y Respecto. Importado por Livraria Cultura S/A. São Paulo: Guarulhos, 2014.

TORRES S. et al. Decálogo sobre transdisciplinaridade e Ecoformação. In: TORRE, S. Transdisciplinaridade e Ecoformação: um novo olhar sobre a educação. Trad. Suzana Vidigal São Paulo, TRIOM, 2008.

VASCONCELOS, C. E. Mediação de conflitos e práticas restaurativas. São Paulo: Método, 2008.